Projeto Mosaico do Lugar após 18 anos: pesquisas e reflexões

Mosaico do Lugar Project after 18 years: Research and Reflections

Proyecto Mosaico do Lugar después de 18 años: investigaciones y reflexiones

Leila Maria da Silva Barboza
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Maria Paula de Oliveira Bonatto
Museu da Vida Fiocruz / Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

RESUMO

Em 2020, durante a pandemia de Covid 19, o projeto Mosaico do Lugar – uma intervenção de arte pública no espaço urbano, foi revisto após 18 anos em duas pesquisas: uma, sobre o que ficou na memória dos participantes, a partir de relatos reunidos em vídeo, sistematizados sob a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo; outra, sobre a percepção dos novos moradores do bairro sobre essa escadaria de mosaico, com a distribuição de cartas enquetes. O conceito de enunciado de Bakhtin orientou as análises dos discursos coletados para construir reflexões sobre os valores sociais que emergiram, revelando aspectos da sociedade atual.

Palavras-chave: arte pública, estética relacional, urbanidade, arte coletiva, mosaico

Trabalho submetido: 15/3/2024
Aprovado: 18/4/2024

ABSTRACT
In 2020, during the Covid 19 pandemic, the Mosaico do Lugar Project - a public art intervention in urban space, was reviewed after 18 years in two surveys: one, on what remained in the memory of the participants, based on reports gathered on video, systematized under the Discourse of Collective Subject methodology; another, about the perception of new neighborhood residents about this mosaic staircase, with the distribution of survey letters. Bakhtin's concept of utterance guided the analysis of the collected speeches to construct reflections on the social values that emerged, revealing aspects of current society.

Keywords: public art, relational aesthetics, urbanity, collective art, mosaic

RESUMEN
En 2020, durante la pandemia de Covid 19, el Proyecto Mosaico do Lugar, una intervención de arte público en el espacio urbano, fue revisado después de 18 años, en dos encuestas: una, sobre lo que quedó en la memoria de los participantes, a partir de informes recopilados en video, sistematizado bajo la metodología del Discurso del Sujeto Colectivo; otro, sobre la percepción de los nuevos vecinos del barrio sobre esta escalera de mosaico, con el reparto de cartas de encuesta. El concepto de enunciación de Bakhtin el análisis de los discursos recopilados para construir reflexiones sobre los valores sociales que emergieron, revelando aspectos de la sociedad actual.

Palabras clave: arte publico, estética relacional, urbanidad, arte colectivo, mosaico

Leila Maria da Silva Barboza (Leila B.) é graduada em Gravura pela UFRJ (1984), especialista em Design de Moda pelo SENAI-CETIQT (1986) e Arteterapia na Saúde e Educação pela Universidade Cândido Mendes UCAM (1999). É mestre em Ciências da Arte pela UFF (2009). De 1999 a 2019 foi docente no curso de Design de Moda da Universo. Como artista, vem desde 1997 desenvolvendo pesquisa os pigmentos naturais, em projetos de cenografia, figurino, arteterapia e arte coletiva.
https://orcid.org/0000-0001-6568-7243 | leilamdsb@gmail.com

Maria Paula de Oliveira Bonatto é doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz (2012), mestre em Filosofia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1992) e Bachelor in Life Sciences, pela Southwest Missouri State University, EUA (1981). No Museu da Vida é curadora da exposição de longa duração Parque da Ciência, onde desenvolve atividades de colaboração entre o museu e movimentos sociais, bem como escolas públicas da região.
https://orcid.org/0000-0003-4153-1230 | paula.bonatto@fiocruz.br

Introdução

O presente estudo nasce da intervenção artística *Mosaico do Lugar,* que se deu na escadaria da rua Oscar Pereira do bairro de Charitas, Niterói, Rio de Janeiro. Esse projeto, realizado de 2004 a 2006, foi uma ação artística coletiva, coordenada voluntariamente por Leila B., artista visual e moradora de uma casa/ateliê nessa rua. Na impossibilidade de consolidação de uma rua de tráfego, a maioria dos moradores apoiou a construção da escadaria, que foi realizada de cima para baixo e dividida por platôs com mesas e bancos, formando três pequenas praças. A arte pública foi uma contrapartida à urbanização da rua, tendo sido realizada a partir do ateliê de 100m² da artista, que obteve da Prefeitura os materiais e instrumentos para a confecção dos mosaicos.

O resultado é uma escadaria com 125 degraus, em que seus espelhos, mesas, bancos e painéis estão cobertos com 35m² de mosaicos, representados por 800 trabalhos de 120 participantes. Esse processo se desdobrou em uma dissertação de Leila B. no PPGCA-UFF[1] e publicações acadêmicas nos campos da arte, da arquitetura e da sociologia, bem como publicações em periódicos e inserções em mídias.

1

Início dos 125 degraus da Escadaria de Mosaico.
Foto: Leila B. (2006)

A dissertação investigou o processo de construção dessa escada como um mosaico de mosaicos, suas implicações no plano da urbanidade e das segregações espaciais e socioeconômicas, as reflexões sobre as relações entre arte, artista e comunidade. No viés entre a efemeridade e perenidade, foram produzidas reflexões sobre a cidade que apaga suas memórias e a necessidade de se trabalhar com materiais perenes, resistindo no tempo e formando camadas temporais. Foram investigadas as dimensões da autoria, e suas interpretações teóricas e práticas, bem como a importância para o colaborador de ser reconhecido ou não na obra coletiva. O lugar do artista que coordena um processo coletivo, considerando todas as etapas de elaboração, negociação, socialização e implantação, foi apreciado como forma ampliada de criação artística. No plano do urbanismo e da urbanidade, foram apreciadas de forma crítica as diferenças entre a intervenção coletiva realizada e as mega intervenções urbanas que se impõem na cidade, onde nem sempre o cidadão ganha espaços. As oficinas no ateliê foram relembradas pelo viés da experiência estética resultante da feitura do mosaico, transformando não só o autor, mas principalmente a sociabilidade do grupo, caracterizando a obra final como processo resultante de afetos.

A intervenção gerou desdobramentos ao longo desses dezoito anos, traduzindo-se em expressões de usuários, memórias e ressignificações. A busca de apreciação dos significados atribuídos a essa vivência coletiva demarca uma segunda etapa de investigação, voltada para os relatos e memórias registrados acerca da experiência, tendo a colaboração da coautora Maria Paula Bonatto, educadora e sanitarista, participante do projeto e também moradora do bairro. Além dos depoimentos dos participantes do projeto, objetivamos abarcar aspectos da relação de novos moradores dos edifícios de Charitas com a Escadaria do Mosaico, arte pública que em 2019 foi tombada como Patrimônio Cultural Municipal. Verificamos que o envolvimento social nas oficinas, bem como os resultados e experiências no espaço público modificado, são demarcados por processos de importância inimaginável que só podem ser descritos por quem os vivencia. Os relatos acerca dessas vivências são

parte dessa segunda etapa da pesquisa, que podem ser acessados no YouTube, no vídeo Mosaico do Lugar – obra de arte coletiva e aberta.

Dentre os diversos teóricos que iluminaram as reflexões da primeira etapa, destacamos Jacques Rancière, que no campo da "política da arte" sintetiza as reflexões organizadas nesse período, referindo-se à produção da arte pelas interações humanas que produz:

> a arte não é política antes de tudo pelas mensagens que ela transmite nem pela maneira como representa as estruturas sociais, os conflitos políticos ou as identidades sociais, étnicas ou sexuais. Ela é política antes de mais nada pela maneira como configura um sensorium espaço temporal que determina maneiras do estar junto, ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de... Ela é política enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. (Rancière, 2010, p. 46)

Esse pensamento de Rancière (2010) nos direciona ao objeto da segunda fase da pesquisa: a escadaria como arte pública, aprofundando os conceitos de experiência estética e relacional no contexto da urbanidade atual, valorizando intervenções artísticas urbanas e coletivas em seu potencial de transformar tanto lugares como pessoas.

Descrevendo a experiência

De 2004 a 2006, foi realizado um total de 80 oficinas no ateliê da artista, moradora da rua desde 1994. Nesse processo, pessoas de diferentes idades e classes socioeconômicas, moradores e não

moradores do bairro, produziram voluntariamente, individual e coletivamente, em torno de 800 trabalhos. As oficinas foram realizadas semanalmente por dois anos, inicialmente nas tardes de sábado, e no segundo ano, nas quintas-feiras em dois turnos.

Inicialmente, apesar do convite, não apareceu ninguém da comunidade do entorno e a ação foi inaugurada com amigos e alunos de Graduação de Educação Artística da Universidade Salgado de Oliveira, onde a artista era docente na época. O portão ficava aberto no dia da oficina e qualquer pessoa poderia entrar e participar, com o compromisso de deixar a obra para o espaço público. À medida que as obras foram ficando prontas, rejuntadas e colocadas nos espelhos dos degraus, foi despertando interesse da comunidade, principalmente das crianças. Como estratégia de aproximação, foram realizadas três ações de mosaico direto na escadaria, levando para a rua os materiais e instrumentos. Aos poucos, as crianças foram cedendo a timidez e frequentando o ateliê, trouxeram seus irmãos e amigos e, por último as mães, tias e avós.

Oficina de mosaico no ateliê da artista Leila B.
Foto: Leila B. 2005

O mosaico é uma técnica artística que requer paciência na sua execução; são várias etapas de produção: desenhar no suporte, cortar as peças no tamanho e na forma que convier, colá-las na talagarça, realizar o acabamento com massa de rejunte, finalizando com a aplicação no local definitivo.

A técnica empregada utilizava a talagarça de algodão como suporte intermediário, processo mais simplificado que possibilitou que pessoas sem nenhum conhecimento técnico pudessem realizar o mosaico desde o início, sem a necessidade de uma capacitação prévia.

Foram disponibilizados pedaços de talagarça de 15cm x 15cm, 30cm x 15cm e 140cm x 15cm previamente cortados. A altura não podia ultrapassar os 15cm, para encaixar com folga nos degraus de 17cm, medida padrão estabelecida pelo projeto urbanístico. A talagarça também foi recortada em formas de peixes, pássaros e borboletas e essas figuras compuseram os painéis dos muros.

A oferta de diferentes tamanhos de suporte possibilitava ao participante a escolha do que mais convinha à sua criação e a seu comprometimento com as oficinas. O tamanho menor poderia ser executado em uma única sessão de oficina. Já os suportes maiores impunham responsabilidades diferentes, requeriam várias sessões no mesmo trabalho ou dividir a execução com outros participantes. Na área delimitada pelo suporte, cada participante pôde criar livremente.

Durante o processo de trabalho, as pessoas se comunicavam para dividir ferramentas, cortar e fornecer tesselas da cor escolhida, ajudar em caso de dúvida, desenhar para o outro, limpar a área em que haviam trabalhado... A partir da comunicação objetiva do trabalho, surgiam outros assuntos, novas relações. A cada oficina surgiam novos participantes, uns realizavam seu trabalho, aprendiam a técnica e não mais apareciam, outros permaneciam por mais tempo e poucos frequentaram o projeto do início ao fim.

Durante o projeto, os grupos que participaram das oficinas formaram uma comunidade transitória, tendo como referências fixas o ateliê como lugar e a intervenção artística como objetivo. Depois de o projeto ser finalizado em 2006, vários participantes indagavam por sua continuação, demonstrando que a ação tinha se desdobrado naturalmente no desejo de voltar a estar juntos, de fazer mosaico ou outra técnica artística.

Urbanidade

Enquanto dentro da oficina era mantida a produção artística para transformar a escadaria em um local de memórias, uma arte pública perene, no bairro de Charitas se iniciava uma intensa transformação, na qual a cada momento se via uma placa de venda pendurada em uma casa, seguido pela chegada de um trator e o início da demolição. Em 2007, dezoito prédios foram erguidos quase simultaneamente. Uma nova população se instalou no bairro, sendo notada sua existência na entrada e na saída dos carros de vidros escuros, que vedam o reconhecimento do novo morador.

Se urbanismo é a técnica da organização e da racionalização das aglomerações humanas, que permitem criar condições adequadas de habitação e de circulação às populações das cidades, a urbanidade refere-se à qualidade social do urbano, à dimensão imaterial da civilidade. Essas dimensões se superpõem e produzem os lugares das cidades, suas histórias, monumentos, fluxos e transformações que se consolidam através da memória.

A memória coletiva é civilizatória, a tradição só é produzida no tempo com a acumulação dos saberes, e a perenidade das referências materiais e imateriais são imprescindíveis para a urbanidade.

A reflexão sobre a arte pública *Mosaico do Lugar* em sua relação com a cidade envolve compreender a obra de arte e sua importância para o lugar e seus habitantes. Mais do que um patrimônio tombado, a escadaria e suas praças reservadas são lugares de encontros de jovens que conversam e jogam, de crianças que brincam e de transeuntes que fazem a pausa de descanso. Não é só um

acesso para a parte alta do bairro, é um passeio público com arte. Em junho de 2015, o vereador Leonardo Giordano entrou com a proposta de tombamento da Escadaria de Mosaico na Câmara Municipal de Niterói e em julho de 2019, foi tombada como Patrimônio Cultural da cidade através da lei nº 3415/2019. Em dezembro, a proposta "Mosaico do Lugar – Valorização do Patrimônio municipal tombado" foi contemplada em edital[2], sob o compromisso de se realizar o inventário do patrimônio, levantamento dos participantes, pesquisa sobre a relação dos participantes e moradores com o projeto e produção de *website*[3] . Esse *website* reúne a história do projeto em uma revista digital, um vídeo, artigos publicados, além da dissertação de mestrado. A comunicação se dá por meio das redes sociais Instagram e Facebook e de uma placa no local que foi implantada em junho de 2022. As visitas guiadas e palestras em espaços municipais foram inviabilizadas pela pandemia.

2 Edital no 07/2019 - Chamada Pública de Fomento às Artes da SMC, FAN e SIMFIC.

3 https://www.mosaicodolugar.com.br/

Início da Escadaria - Placa informativa com QRcode direcionando para o ***website** Mosaico do Lugar*; no chão, orientação magnética e mapa de Charitas, com marcação do local. Foto: Leila B. (2022)

Paralela à execução dessa proposta, foi apresentada em 2019 pelo vereador Leonardo Giordano e votada favoravelmente, uma Emenda Parlamentar com os recursos para a obra de restauração da

escadaria. Ou seja, o patrimônio tombado seria revitalizado através dos recursos da Emenda Parlamentar ,vinculada à sua valorização através do recurso do edital para sua pesquisa e divulgação.

O recurso do Edital foi depositado em abril de 2020, em plena pandemia da Covid-19. Em agosto, a Secretaria das Culturas de Niterói nos informou que o recurso da Emenda Parlamentar seria redirecionado para as emergências da pandemia. Não havendo o recurso para a restauração, foi necessário replanejar a execução da pesquisa e sua divulgação, ou parte dela.

Estética relacional

Partindo das experiências relatadas pelos participantes do projeto nas oficinas de mosaico, das formas de reunião ou de individualização que a intervenção na escadaria ofereceu, o início da segunda etapa da pesquisa (2020-2021) buscou responder às seguintes perguntas: *Quais os valores emergem, a partir do relato da experiência, para uma parcela de seus autores? A partir das teorias de Bakhtin, o que a sistematização desses valores revela sobre a sociedade em que vivemos? Qual o interesse/amplitude do conhecimento dos novos moradores do entorno sobre a escadaria e o que podemos apreender desse aspecto?*

Ao investir em conhecer as respostas a essas indagações, buscamos promover diálogos entre arte e urbanidade com aspectos subjetivos dos indivíduos e a riqueza de suas percepções. Os aspectos que destacamos têm como pressuposto a visão de que, ao falar sobre sua experiência nessa criação artística, os autores em questão estão expressando as relações presentes em toda uma sociedade que os engendra e por eles é engendrada.

O conceito de "estética relacional", cunhado por Nicolas Bourriaud (2009), orienta a reflexão sobre a socialidade formada ou ampliada nas oficinas durante o projeto. No desenvolvimento do projeto, além das transformações individuais, aconteciam as interações sociais entre pessoas de idades e classes socioeconômicas diversas, as

quais deveriam ser apreendidas como de uma qualidade diferenciada. Bourriaud propõe considerar que alguns artistas a partir da década de 1990, na realização de suas propostas, têm as relações sociais como forma estética, como princípio e objetivo de suas obras. Segundo Bourriaud (2009, p. 29), "a forma da obra contemporânea vai além de sua forma material: ela é um elemento de ligação, um princípio de aglutinação dinâmica", referindo-se às implicações sociais das obras por ele analisadas.

Quando Bourriaud mapeia a produção artística que propõe a estética relacional como fio condutor para as ações dentro do campo da arte, ele a interpreta como uma atitude de uma parcela de artistas que assume a função de apontar a precariedade das relações sociais, por meio dos eventos artísticos e de sua reflexão sobre eles.

O conceito de "estética relacional" foi importante para valorizar o eixo da socialidade do projeto, mas não é suficiente para apreender sua amplitude. O processo de elaboração da escadaria de mosaico, além dos eventos das oficinas, produziu também objetos instalados no espaço público, obras referências dos encontros, que hoje formam uma espessura temporal que atravessa gerações, ampliando a socialidade experimentada no tempo e espaço.

A escadaria pode não só ser a expressão da comunidade tradicional do bairro, sendo também uma ligação entre o asfalto (onde estavam sendo construídas as novas moradias) com o morro, parte alta do bairro que é uma mistura de antigas casas e moradias precárias.

Como o projeto não foi fruto de um edital, e sim da conjunção de interesses da artista, moradores e Prefeitura, o ateliê recebeu os materiais e instrumentos e todos trabalharam voluntariamente. Por não haver prazo de execução, nem prestação de contas, o fluxo natural de participações, respeitando o tempo de feitura, colaborou para que emergissem as reflexões teóricas que se desdobraram na dissertação de mestrado de 2009, enquanto o presente estudo destaca a metodologia e os resultados da segunda etapa.

Metodologia

O acesso aos participantes das oficinas realizadas há 18 anos se deu durante a pandemia de Covid 19 e aconteceu pelas redes sociais. A partir dos primeiros contatos, fomos obtendo outros, mas parte dos participantes não foi encontrada.

Na mensagem enviada por WhatsApp ou Messenger, além das informações e da solicitação de um depoimento, enviamos fotos das oficinas e da escadaria[4].

4 *Mensagem enviada:* Estamos aguardando para iniciar as obras de recuperação da Escadaria assim que for permitido. Enquanto aguardamos, estamos realizando um vídeo de 30 minutos relatando sobre a realização da Escadaria de Mosaico de 2004 a 2006. Estou solicitando dos que participaram um breve relato em vídeo do que marcou daquela experiência de frequentar o ateliê, conviver com pessoas conhecidas e desconhecidas, fazer o mosaico, ver seu mosaico na escadaria, e tantas outras coisas que podem ter te marcado. Foram mais de 100 pessoas que passaram por aqui, certamente cada um tem uma lembrança que marcou mais. Precisa ser filmado na horizontal. Enviar o nome completo autorizando a imagem, qualquer dúvida, me retorna. Precisamos entregar o vídeo pronto, mas antes tem a edição e finalização. O quanto antes enviar, agradeço muito. Se não quiser aparecer, pode apenas enviar um áudio, relatando o que mais marcou naquele momento, não esquecendo de dizer o nome. Se puder enviar a foto do trabalho que fez, será ótimo.

Abaixo apresentamos os resultados da pesquisa realizada virtualmente. Esses depoimentos foram aproveitados no vídeo *Mosaico do Lugar*[5], de 35 minutos, que incorporou na edição mais 4 depoimentos realizados em uma entrevista de 2005.

5 https://youtu.be/h-j-1a6so9E?list=TLGGstlM7H0i25UxNTA3MjAyMQ

PESQUISA COM OS GRUPOS RELACIONADOS COM A ESCADARIA DE MOSAICO CHAMADA PELAS REDES SOCIAIS					
	ORIGEM DO GRUPO	TOTAL	CONTA TADOS	RETORNARAM A MENSAGEM	ENVIARAM DEPOIMENTO
PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE MOSAICO	a) TURMA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, AMIGOS E PARENTES	47	26	22	2 VÍDEOS 2005 10 VÍDEOS 2020 1 ESCRITO 2020
	b) CRIANÇAS E ADOLESCENTES LOCAIS EM 2004 À 2006	63	25	14	1 FILMADO EM 2020 1 REGISTRO PARCIAL 2020
	c) MULHERES ADULTAS	7	3	2	1 VÍDEO 2005
NÃO PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE MOSAICO	d) MULHERES ADULTAS	3	3	3	2 VÍDEOS EM 2005 1 EM VÍDEO EM 2020
TOTAL PESSOAS		120	57	41	19

Quadro do quantitativo de participantes da pesquisa e de registros produzidos, segundo origem, contatos e envio de depoimentos
Fonte: Dados obtidos com o presente estudo - 2019-2021.

Analisando o quadro acima, houve um retorno significativo do grupo *a* (dos 47, 13 enviaram depoimentos). Do grupo *b*, crianças e adolescentes há 18 anos e hoje adultos, foi difícil obter depoimentos. Foi contratado um dos participantes para nos ajudar, atualizando os contatos e convidando a todos para dar os depoimentos. Desse grupo, conseguimos um depoimento registrado, e algumas informações em conversas informais sem gravador. Dos grupos *c* e *d*, foram aproveitados depoimentos de 2005 e 2020.

Com essa primeira etapa de pesquisa em andamento, foi dada continuidade à segunda etapa da pesquisa, que seria abordar os novos moradores do bairro. Foram impressas 1500 cartas enquetes (figura abaixo), distribuídas nos edifícios e nas poucas casas da parte baixa do bairro. Iniciou-se com uma carta aos síndicos, comunicando a pesquisa e solicitando permissão para deixar as cartas nas portarias para serem colocados nos escaninhos dos moradores, que depois de respondidas, poderiam ser deixadas na portaria que faríamos a coleta. O retorno dos síndicos foi pequeno, apenas 4 dos 25 síndicos responderam por e-mail ou mensagem de WhatsApp. Mesmo sem a resposta dos 21 síndicos restantes, foram entregues 1265 cartas nos edifícios e casas (quadro abaixo).

SUA RESPOSTA COLABORA COM NOSSA PESQUISA - DEIXE ESTE QUESTIONÁRIO NA PORTARIA DO SEU PRÉDIO OU CONDOMÍNIO QUE RECOLHEREMOS ou na CAIXA DE CORREIOS na RUA OSCAR PEREIRA, 101.

VOCÊ CONHECE A ESCADARIA DE MOSAICO DE CHARITAS ? SIM NÃO

CONHECIA SEU HISTÓRICO E TOMBAMENTO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL? SIM NÃO

GOSTARIA DE CONHECER MELHOR O PROJETO? SIM NÃO

DESEJA DEIXAR SEU CONTATO (TEL OU EMAIL) PARA MAIS INFORMAÇÕES SIM NÃO

CONTATO ____________________

DE **2004 À 2006 A RUA OSCAR PEREIRA** FOI URBANIZADA PELA PREFEITURA PARA SER O SUPORTE DA PROPOSTA DA ARTISTA VISUAL **LEILA B. - O PROJETO "MOSAICO DO LUGAR"** – ESCADARIA COM **125 DEGRAUS, PLATÔS, BANCOS E MESAS,** TODOS COBERTOS DE MOSAICO **REALIZADOS VOLUNTARIAMENTE E COLETIVAMENTE** POR MAIS DE **120** PARTICIPANTES DO BAIRRO E OUTROS LOCAIS DA CIDADE. FOI **PREMIADA** PELA **SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO RJ** E PELO INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL **(IAB). EM 2019 FOI TOMBADA COMO PATRIMÔNIO MUNICIPAL** E CONTEMPLADA PELO **FOMENTO ÀS ARTES** DA SECRETARIA DAS CULTURAS DE NITERÓI E RECURSO DE EMENDA PARLAMENTAR PARA **SUA RECUPERAÇÃO E DIVULGAÇÃO.**

CONHEÇA MAIS SOBRE O PROJETO MOSAICO DO LUGAR, ENTRE EM CONTATO COM A LEILA B.

21-998820210 mosaicodolugar@gmail.com facebook.com/MosaicoDoLugar instagram.com/mosaicodolugar

Conteúdo, frente e verso da capa da carta

ETAPAS DE ENTREGA DAS CARTAS	QUANTIDADE DE CARTAS ENTREGUES	RESPONDERAM	NÃO RESPONDERAM
1° etapa Carta aos síndicos solicitando permissão para enviar a carta/enquete aos moradores do prédio ou condomínio 39 edifícios	25	4	21
2° etapa Carta aos moradores dos apartamentos informando da escadaria e projeto atual, solicitando preenchimento da carta/enquete e entrega na portaria para coleta	1225	2	1223
3° etapa Carta aos moradores das casas informando da escadaria e projeto atual, solicitando preenchimento da carta/enquete e entrega na caixa de correio da casa da autora do projeto	40	0	40

Quadro do quantitativo de cartas trocadas entre o Projeto *Mosaico do Lugar* e moradores de condomínios e casas de Charitas, englobando as três etapas.
Fonte: Dados obtidos com o presente estudo - 2019-2021.

Havendo apenas 2 cartas respondidas das 1265 cartas enquetes, decidimos reconhecer o silêncio como resposta, considerando a pandemia como causa predominante do não retorno. A pandemia foi um choque de transformação que mudou todas as relações sociais, novas prioridades foram elencadas e cremos que os contatos, tanto por mensagens, telefonemas ou cartas, foram colocados em planos fora das necessidades emergenciais de proteção e de sobrevivência. Os depoimentos registrados no filme de 35 min., intitulado *Mosaico do Lugar - obra de arte coletiva e aberta*, foram considerados como material a ser analisado.

A forma para organizar e categorizar estes depoimentos foi encontrada na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, desenvolvida por Lefevre e Lefevre, e a porta de entrada para a interpretação de seus significados foi encontrada nas teorias de Mikhail Bakhtin (1895-1975), em especial nos textos relativos ao conceito de *enunciado*.

Resultados: Produção de discursos dos sujeitos coletivos do Mosaico do Lugar

O Discurso do Sujeito Coletivo - DSC é uma técnica de tabulação e de organização de dados qualitativos, desenvolvido no fim da década de 1990 pelo casal Fernando e Ana Maria Lefevre, tendo como fundamento a teoria da Representação Social (Jodelet, 1989). Essa técnica propõe a construção de discursos-síntese elaborados com partes de discursos de sentido semelhante, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados. A técnica representa uma mudança nas pesquisas qualitativas, porque permite que se conheça os pensamentos, representações, crenças e valores de uma coletividade, apresentando sua diversidade de visões sobre um determinado tema ou categoria. Lefevre e Lefevre propõem uma definição sintética do DSC, como se segue:

> O DSC consiste numa forma não matemática nem metalinguística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos com conteúdos discursivos de sentido semelhante. (Lefevre & Lefevre, 2005, p. 25)

Tais depoimentos são redigidos na primeira pessoa do singular com o objetivo de produzir, no leitor, o efeito de uma opinião coletiva, expressando-se, diretamente, como fato empírico, pela "boca" de um único sujeito de discurso, imaginário e representativo da diversidade de ideias sobre temas centrais.

A metodologia pressupõe que, para se obter pensamentos coletivos via pesquisa empírica, é preciso somar pensamentos individuais equivalentes, equalizando esses pensamentos sob a forma de categorias que reúnem pensamentos de sentidos comuns, fragmentos de depoimentos ou ideias que compõem um discurso comum. Esse conjunto de questões gera uma diversidade de respostas cujas ideias serão sistematizadas não por suas fontes ou autores, mas por

distintos DSCs organizados por temas. Lefevre sintetiza a técnica para a produção de DSCs em quatro etapas:

1. *Expressões-Chave* (*E-ch*) – são trechos selecionados do material verbal de cada depoimento que melhor descrevem seu conteúdo.

2. Ideias centrais (*ICs*) - são fórmulas sintéticas que descrevem os sentidos presentes nos depoimentos de cada resposta de diferentes indivíduos, que apresentam sentidos semelhante ou complementar.]

3. Ancoragens (*ACs*) – são, como as *ICs*, fórmulas sintéticas que descrevem não os sentidos, mas as ideologias, os valores, as crenças presentes no material verbal das respostas individuais ou das agrupadas, sob a forma de afirmações genéricas destinadas a enquadrar situações particulares. Na metodologia do DSC, considera-se que existem *ACs* apenas quando há, no material verbal, marcas discursivas explícitas dessas afirmações genéricas.

4. Discursos do Sujeito Coletivo (*DSCs*) – reúne as E-ch presentes nos depoimentos que têm *ICs* e/ou *ACs* de sentido semelhante ou complementar. (Figueiredo et al., 2013)

Ao optarmos por trabalhar com os 19 depoimentos obtidos de pessoas envolvidas com o projeto e, diante das limitações para ampliarmos esse número devido à pandemia, nos vimos diante da necessidade de escolher ferramentas de análise mais apropriadas para dar sentido a esses resultados obtidos. Estes, embora relativamente poucos – 19 depoimentos em um universo de cerca de 120 participantes –, representam dados qualitativos muito significativos. Dessa forma, partimos para uma análise qualitativa potencializando as revelações representadas pelos discursos dessas 19 pessoas, em sua quase totalidade mulheres, exceto pela representação de 3 homens, para descortinar aspectos de uma sociedade que atuou em um tempo e espaço vivenciados coletivamente na experiência do *Mosaico do Lugar.*

Os depoimentos enviados foram transcritos segundo a fala de cada participante. Em seguida, organizamos essas falas segundo *Expressões-Chave*, aproveitando a totalidade qualitativa dessas expressões e desprezando repetições de cunho idêntico. Assim, reunimos, em 12 *DSCs*, toda a variedade de expressões transcritas das falas originais, do vídeo *Mosaico do Lugar - obra de arte coletiva e aberta*, localizado no endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=h-j-1a6so9Es

Os DSCs por nós produzidos não serão apresentados no presente artigo, sendo nosso foco seus indicadores que apontam respostas para a primeira questão da pesquisa: *Quais os valores emergem, a partir do relato da experiência, para uma parcela de seus autores?*

A partir dos 12 DSCs, reunimos *3 expressões de Ancoragem*: A relação com o lugar, as experiências sociais e a perspectiva do indivíduo – subjetividades.

Posteriormente, agregamos a essa análise a perspectiva de Mikhail Bakhtin, a qual se mostrou eficaz para apontar os avessos dos discursos e desvendar sentidos das falas dos sujeitos da pesquisa. A perspectiva de Bakhtin será abordada em uma etapa subsequente à construção e análise do Discurso do Sujeito Coletivo, na Discussão do presente estudo.

Discussão

Esta pesquisa obteve depoimentos, majoritariamente de mulheres, que demonstraram interesse e facilidade de produzir uma autorreflexão sobre o fazer artístico e suas imbricações com a vida. Por outro lado, por razões diversas, os jovens não se dispuseram a oferecer depoimentos, exceto um, que recebeu um apoio em dinheiro do projeto para mobilizar os demais, embora não com sucesso.

O quadro a seguir indica os valores que predominaram nos depoimentos, segundo as ideias centrais dos *DSCs*.

Ideia – central	Participantes do DSC
Afeto pelo lugar	11
A escada fica eternizada no lugar / Reconhecimento do projeto e visibilidade pública	09
Foi muito prazeroso/ Agradeço	09
Terapeuticamente foi uma coisa muito boa: trabalhar a paciência e auto percepção	07
Aprender a técnica do mosaico	06
Coletivo realmente e trabalho em equipe	06
A escadaria de Charitas fez parte de minha história	05
Respeito, mútua ajuda e construir laços de amizade	04
Conexão muito forte com minha família	04
Foi essa a ideia que eu tive!	03

Quadro de valores que predominaram nos DSC, segundo ideias-centrais
Fonte: Dados obtidos com o presente estudo - 2019-2021.

Observamos que, para a maioria dos participantes do grupo em questão (11/19), houve a valorização do trabalho realizado por meio da consolidação de relações de afeto pelo lugar. Foi destacada por cerca da metade dos participantes a possibilidade de reconhecimento e de visibilidade do projeto em um contexto social mais amplo. Essa proporção também se refere à valorização da relação de prazer e gratidão pela concretização dessa experiência (9/19).
Em uma proporção menor, foi destacado por alguns participantes o valor terapêutico e a conquista de um grau maior de consciência sobre si a partir da oportunidade de dedicação a esse trabalho artístico. No que toca à formação desses sujeitos, foi valorizado por cerca de um terço dos discursos o aprendizado e a apropriação da técnica artística. Houve também a percepção de que essa ação coletiva gerou uma marca significativa como parte de sua história pessoal, auxiliou na construção de laços de amizade e, em alguns casos, de laços com a própria família. Vale ressaltar que apenas 3 entre os 19 depoentes destacaram aspectos pessoais da criação de suas obras, o que parece indicar que os sentimentos de participação coletiva, de afeto, da valorização do lugar e dos encontros na construção das obras predominam sobre a valorização da criação individual.
A discussão desses resultados nos remetem à segunda pergunta da

pesquisa: *a partir das teorias de Bakhtin, o que a sistematização desses valores revela sobre a sociedade em que vivemos?*

Para além das aparências de cortesia entre pares e do prazer imediato que esses depoimentos podem indicar, buscamos um sentido social para esses discursos. Esse sentido seria relativo à interpretação das falas obtidas considerando seu potencial representativo de um contexto social do período histórico e espaço geográfico em que essa obra de arte coletiva foi realizada. Assim, buscamos compreender, por meio das falas desses participantes, os aspectos revelados bem como os ocultos que se referem a uma organização social mais ampla que produz vivências em um dado momento histórico e que fala por meio dos valores expressos pelos participantes a partir de suas criações artísticas. Resumimos a seguir conceitos e técnicas desenvolvidas a partir de Bakhtin como ferramentas para a discussão dos resultados do presente estudo, descortinando os sentidos e situando-os no contexto de uma linguagem que fala da vida e com ela dialoga, descrita a seguir.

Bakhtin, em seus estudos no campo da linguística, teceu uma teoria voltada para a importância dos enunciados nas formas orais e nos registros escritos e, de forma mais abrangente, a identificação de enunciados e de seus "avessos", ou contra discursos, como uma forma de leitura de mundo.

Para Bakhtin, a amplitude do enunciado e sua correlação com a história e ideologia vigente confirmam o vínculo existente entre a língua e a vida. "A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua" (Bakhin,1997, p. 284).

Os indivíduos defendem em falas e textos uma posição gerada na sociedade em que vivem. Apesar da fala sair de um indivíduo, ela representa uma ideologia formada socialmente, o discurso sempre apresenta, implicitamente ou explicitamente, a arena em que lutam estes pontos de vista em oposição. O autor reforça que "na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação,

não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social" (Bakhtin, 2006, p. 111). Dessa forma, embora cada enunciado seja determinado de forma imediata pelas pessoas que produzem os atos de fala, os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor.

Nos depoimentos coletados, compreendemos os discursos não como um ato passivo, mas como uma réplica ativa, um diálogo permanente e tensionado, mesmo que oculto. Bakhtin inclui toda a fala em uma cadeia de pensamentos ligados entre si em um contexto histórico e social, como que conectada por fios a pensamentos que a completam ou que a questionam, tensionam ou negam, não estando nunca isolada.

Ao tomarmos a teoria de Bakhtin como referência, sabemos agora que podemos pressupor, para além do sentido das expressões produzidas, os discursos ocultos dessas falas, o avesso do seu conteúdo que aponta o contexto social em que essas experiências foram produzidas, situadas em um tempo e espaços definidos. Com base neste raciocínio, construímos o quadro que se segue.

ENUNCIADO	AVESSO DO ENUNCIADO
INDIVÍDUO	
Aprender a técnica do mosaico	Ignorância não saber fazer
Tardes agradáveis	Sofrimento, depressão
Gratificante	Não reconhecimento da generosidade
Voltar a escada para rever e mostrar o trabalho	Não se apropriar da história do projeto que participou
O projeto fazer parte da história de cada um individualmente	O projeto não fazer sentido para ninguém
Não lembro exatamente quais foram as peças que eu produzi	Autoria individual buscando prestígio
O mosaico tem toda uma história de desconstrução e construção e foi num momento da minha vida que eu estava atravessando nesse processo	Não conectar o fazer artístico com o desenrolar da vida
Transforma-se com os cacos da vida	Desintegrar, não acreditar na reconstrução diária e contínua
Trabalhar a paciência	Ansiedade, controle.
Auto percepção de ser crítica	Ausência, inconsciência de si
Conexão com a família	Desagregação da família
SOCIAL	
É individual e coletivo ao mesmo tempo	Rigidez nas autorias e ausência de colaboração
Coletivo realmente	Juntos sem mútua ajuda, competindo
Trabalho em equipe	Isolamento e competição
Respeito e mútua ajuda	Abandono
Construir laços de amizade	Ambiente hostil
Vivenciar a diferença	Celebrar os preconceitos
Tudo tão interligado	Tudo Fragmentado, não forma um todo
Sair da efemeridade	Impermanência, descontinuidade, falta de passado como raiz para o presente.
LUGAR	
Transformar o lugar público com cacos	Mega projetos, conceito da cidade mercadoria
Afeto pelo lugar	Desprezo pelo lugar
Perenidade do trabalho eternizado no lugar.	Efemeridade, destruição do patrimônio construído
Escadaria ter visibilidade Reconhecimento do projeto	Invisibilidade, desprezo pelo projeto.,

Quadro dos grupos de enunciados que reúnem atributos das experiências nas oficinas de execução dos mosaicos e "avessos" dos enunciados, segundo as categorias indivíduo, social e lugar.
Fonte: Dados obtidos com o presente estudo - 2019-2021.

Se considerarmos as possibilidades de avessos para esses enunciados, encontraremos os contrastes que expressam estas contradições.

Se os enunciados do quadro acima apontam valores positivos diversos, encontramos como avesso uma sociedade em que o fazer artístico é carregado de sofrimento, competição, desagregação e fragmentação de processos. A valorização da autoria individual focada apenas para o prestígio pessoal é o contexto predominante da nossa sociedade, impossibilitando que o processo da criação seja incorporado individualmente e coletivamente, valorizado como acréscimo vital. São casos em que o objetivo do fazer artístico é apenas o resultado final, ou seja, o prestígio alcançado com a autoria da obra. Essas situações tendem a provocar sentimentos de ansiedade que se caracterizam por uma ausência de conexão da arte com a vida, processos que desintegram sujeitos que não se entregam à reconstrução diária e contínua, gerando impermanência, descontinuidade e desvalorizando o passado como uma raiz para a construção do presente.

Ao reunir nas oficinas uma pluralidade de pessoas, no sentido de gênero, condições socioeconômicas, idade, e experiências artísticas diferentes, abriu-se um espaço de experiência inusitada, pois os encontros sociais geralmente separam estas categorias. Grupos familiares que tiveram oportunidades de fazer as oficinas juntos tiveram trocas diferentes das que ocorrem em casa, e daí emergem possibilidades desconhecidas de interação. Mesmo estando separados, os diversos grupos interagiam para trocar materiais e outras ações necessárias nas práticas da oficina.

Essa experiência de socialidade carrega uma riqueza imensurável, é a ideia do interstício, não está dentro do programado, situações de encontros não convencionais, de uma temática ou forma nova que acaba provocando outras formas de sociabilidade e de territorialidade, que podemos incluir como uma proposta de estética relacional.

Em uma sociedade na qual pessoas não se apropriam da história local, há uma tendência à desvalorização do patrimônio material e imaterial construído. Uma sociedade desagregada produz uma cidade inóspita, e vice versa, dividida em espaços visíveis – vendáveis, turísticos, comerciais e, por isso, conservados –, e espaços invisíveis,

destratados, onde habita e circula uma grande massa da população, mas não são considerados desfrutáveis e apresentáveis.

Nos lugares "visíveis" habita uma elite que pode pagar os custos de morar e circular como beneficiário, enquanto a massa trabalhadora circula para manter a conservação e o funcionamento desses espaços. Nos espaços invisíveis, reside essa mesma massa trabalhadora. Fora esses moradores, boa parte da população desconhece os becos e ruelas da cidade invisível, que não faz parte da cartografia social dos que moram na cidade formal.

Em cidades como Niterói, considerando mais especificamente o bairro de Charitas, o visível e o invisível estão muito próximos, muros e grades, ruelas e ruas bem mantidas dividem estas categorias. A Escadaria de Mosaico se propõe a ser um caminho de arte pública para ligar a cidade formal à cidade informal e invisível, abrindo possibilidades de novas relações.

Nos depoimentos coletados, o desejo de reconhecimento do patrimônio, da visibilidade do projeto e da perenidade da arte pública foram externados como valores significativos diante da notícia da possibilidade da obra de recuperação da escadaria após seu tombamento como bem cultural.

A Escadaria de Mosaico já existe há 18 anos e ainda não foi restaurada e, mesmo sendo um Patrimônio Tombado pelo município, tem uma atenção insuficiente do poder público no que tange sua conservação – varrição, desentupimento de bueiros, poda de árvores, cuidado com os canteiros e iluminação. Quanto à sua divulgação, está no website da FAN - Fundação de Arte de Niterói, na aba de Patrimônio DePac, por estar no rol dos patrimônios tombados https://www.culturaniteroi.com.br/blog/depac/5274 e no website da Neltur - Niterói Empresa de Lazer e Turismo, na aba do que fazer ao ar livre https://visit.niteroi.br/projeto-mosaico-do-lugar-escadaria-de-charitas/ .Quanto às redes sociais institucionais e sinalização urbana, não há divulgação.

Ser contemplada no Edital 07/2019 da Secretaria das Culturas e obter o recurso da Emenda parlamentar para sua recuperação, poderia ter sido o ponto de partida para uma nova fase de reconhecimento. Com recurso da Emenda Parlamentar desviado para as justas emergências da saúde pública, a proposta de divulgar uma obra que não foi recuperada ficou prejudicada. Na ocasião da implantação da Placa Informativa em 2022, houve a recuperação da metade do guarda-corpo da escadaria, sendo abandonada a obra antes da finalização dos serviços prometidos.

Quanto aos novos moradores do bairro, o não retorno da pesquisa de campo realizada com as 1225 cartas para os edifícios e casas da parte baixa e "nobre" do bairro revela que, além da justificativa da pandemia, há barreiras para a viabilização da ligação entre a cidade visível e invisível na forma da Escadaria de Mosaico. Iniciamos a pesquisa pelos síndicos e apenas 4 dos 25 síndicos contatados retornaram à comunicação, mesmo considerando sua função de porta voz de um grupo de condôminos. Esse silêncio nos aponta o sintoma de um vínculo muito precário dos novos moradores com seu local de moradia e seus arredores invisíveis. O resultado da pesquisa por meio das cartas corrobora os "avessos" dos depoimentos que coletamos.

Trazendo elementos para situar essa obra no contexto da arte pública, podemos citar lugares reconhecidos pela mídia, como a Escadaria Selarón, situada no Rio de Janeiro, cidade vizinha, no bairro da Lapa, obra conhecida por grande parte dos niteroienses. Várias enquetes espontâneas de admiradores da Escadaria de Charitas foram realizadas no Facebook, recebendo dezenas de publicações relatando desconhecer o local e perguntando se é a escadaria do Rio.

Considerações finais

Nestes 20 anos de projeto (2004-2024), diversas pessoas foram afetadas, seja participando, seja conhecendo o local presencialmente ou virtualmente, conhecendo a história no website ou nos artigos publicados, por meio de conversas informais ou comunicações em

congresso. Na atualidade, mergulhados no frenesi da comunicação instantânea, corremos o risco de crer que a invisibilidade social é sinônimo de inexistência, diminuindo ou apagando o que foi materialmente erguido ou vivenciado.

A Escadaria de Mosaico não foi plenamente incorporada pelo poder público, assumindo os cuidados necessários para que o patrimônio seja valorizado – executando a obra de restauração, programando a manutenção e divulgando como lugar para ser conhecido, inserindo-a nos roteiros turísticos. Esta relação de cuidados com os patrimônios materiais e imateriais desvela a forma como o poder público interage com parte da cultura local. Não se "leva" cultura para uma sociedade, as manifestações emergem e vingam a partir de diversos fatores e necessitam do fomento através de políticas culturais contínuas, políticas de Estado que garantam não só o surgimento de novos projetos, mas, principalmente, a continuidade das ações individuais e coletivas já implantadas.

Se o investimento na "cidade mercadoria" é uma realidade consentida para Niterói estar inserida no circuito do turismo, em uma disputa assimétrica com o Rio de Janeiro, reconhecido mundialmente, o investimento paralelo na cultura local trará as nuances genuínas do lugar. Ao apresentar os arranjos locais e suas singularidades, Niterói sai da relação comparativa com o Rio e pode, culturalmente, brilhar como cidade vizinha. São essas singularidades que marcam o visitante e estabelecem com seus moradores relações de identidade, empoderamento e pertencimento à cidade. Recife e Olinda, em Pernambuco, são cidades com tamanhos desproporcionais, mas seus pesos simbólicos são parecidos, e esse capital simbólico é conquistado na produção cultural do lugar, através de fomento e reconhecimento.

Se o planejamento orçamentário de Niterói considerar o investimento contínuo na produção cultural local como fundamental, principalmente nas artes públicas, estará não só fomentando as possibilidades almejadas de cidade turística ao lado do Rio, mas também ampliando a relação de pertencimento da população, uma qualidade

que se desdobra na economia, que sempre é utilizada como aferidor de sucesso. Ou seja, além de todos os ganhos sociais, artísticos, individuais e coletivos, o capital simbólico adquirido pela cidade e sua população tem potencial para revigorar a economia local por meio do fortalecimento da cultura.

Financiamento

Fonte financiadora da pesquisa: Edital 07/2019 - Chamada Pública de Fomento às Artes. SMC - Secretaria Municipal das Culturas, FAN - Fundação de Artes de Niterói e SIMFIC - Superintendência do Sistema Municipal de Financiamento à Cultura. Valor total do recurso: R$ 23.320,00. Valor investido na pesquisa: R$5.476,00.

Referências

Bakhtin, M. M. (1997). *Estética da criação verbal*. (M. E. G. G. Pereira & M. Appenzellerl, Trad.). (Coleção Ensino Superior). Martins Fontes.

Bakhtin, M. M. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem* (12ª ed.). Hucitec.

Bourriaud, N. (2009). *Estética relacional* (D. Bottmann, Trad.). Martins Fontes.

Figueiredo, M. Z. A., Chiari, B. M., & Goulart, B. N. G. (2013, abril). Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa. *Distúrb Comun*, *25*(1), 129-136.

Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales* (T. B. Mazzotti & A. J. A. Mazz, Trad.), pp. 31-61. PUF. https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao/link/5c4897c3a6fdccd6b5c2eab1/download

Lefevre, F., & Lefevre, A. N. (2005). *Depoimentos e discursos - uma proposta de análise em pesquisa social*. Liber Livro Editora.

Rancière, J. (2010). Política da arte. *Urdimento*, *2*(15), 45-59. https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102152010045